

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PAULO PACHECO MORGADO

O APROPRIAR-SE ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA,
Um olhar fenomenológico acerca do filme O Pequeno Príncipe (2015)

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PAULO PACHECO MORGADO

O APROPRIAR-SE ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA,
Um olhar fenomenológico acerca do filme O Pequeno Príncipe (2015)

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
Professora Dr. Ana Laura Schliemann

SÃO PAULO
2018

Never forget what it is like to see the world as a child, [...]: where every autumn leaf is a work of art; every rolling cloud, a moving picture; every day a new story. We too emerge from this magic, like a wave from the ocean, only to return back to the sea. Do not mourn the waves, the leaves and the clouds. Because even in darkness the wonder and beauty of the world never leaves. It's always there, just waiting to be seen again.

Hellblade: Senua's Sacrifice, 2017

Agradecimentos

[...] They say silence is golden. Maybe it is, although I'm not sure it's worth that much. It has its price certainly; you have to pay for it.

Andrzej Sapkowski, 2007

Ao realizar a produção desse trabalho por um longo período acaba por dificultar em ter a certeza sobre quem agradecer, pois muitas surgiram ao longo do caminho.

Inicialmente gostaria de agradecer a minha orientadora Ana Laura, cuja a grande paciência e dedicação durante tanto tempo foi capaz de me auxiliar em diversos e difíceis momentos.

Gostaria de fazer um agradecimento especial para todas as pessoas que ao longo de minha vida me mostraram o valor que a vida pode ter, seja através de conversas por entrelinhas, por não desistirem de mim mesmo quando mais quis todos longe e por serem e fazerem aquilo que eu mais precisava em diversos momentos. Mas agradeço a aqueles que... quando a simples imagem de seu sorriso me vem a mente, meu coração se enche de sentimentos indescritíveis, minhas palavras se esvaem e somente um sorriso se torna capaz de manifestar. A todos, um “eu te amo” se torna pífio perto do que sinto.

Sou eternamente grato, também, a Bárbara Ikuhara, cuja gentileza e boa vontade a fizeram uma grande colega de pesquisa, uma vez que esse trabalho não teria sido feito sem uma enorme ajuda sua.

RESUMO:
**O APROPRIAR-SE ATRAVÉS DE UMA HISTÓRIA, UM OLHAR
FENOMANOLÓGICO ACERCA DO FILME O PEQUENO PRÍNCIPE (2015)**

Paulo Pacheco Morgado - ORIENTANDO

Ana Laura Schliemann - ORIENTADORA

Curso de Psicologia – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
(Campus Monte-Alegre).

Endereço eletrônico: ppmorgado@gmail.com

Código: 7.07.07.00-6 - Psicologia do Desenvolvimento Humano

O presente estudo trata de uma reflexão do filme O Pequeno Príncipe a partir de uma visão Fenomenológica Existencial, especialmente no que tange a visão de pessoa consigo e do mundo a partir das adversidades vivenciadas pela personagem do filme através da compreensão da mesma para com esses fenômenos. Foi utilizado o método qualitativo de análise, através da procura de materiais documentais referentes encontrados em portais de revistas e artigos científicos, assim como uma cópia legalizada do filme. Através da elaboração do pensamento Heideggeriano, foi possível observar os modos de ser impessoal e impróprio que a personagem analisada acaba por viver devido a sociedade em que ela vive, uma vez que ela se pauta na essencialidade e eficiência que a pessoa deve ter, fazendo ocasionando com que as pessoas que nela vivem, acabem por negligenciar a si mesmos e suas angústias, se afastando de seu ser próprio. No decorrer do filme nos deparamos com conhecer de uma nova forma de encarar o mundo que a personagem acaba por possuir em que ela se encontra com um senhor que age de uma forma completamente diferente dos demais modelos que ela já havia entrado em contato. Ao aproximar-se desse senhor, a menina acaba por experienciar e novamente entrar em contato com a angustia de seu ser e assim recobrar a sua condição ontológica como *Dasein* de abertura, uma vez que ela ser torne novamente capaz de não se negligenciar novamente, se tornando própria, mas sendo capaz de conviver com as impessoalidades e impropriedades de seu mundo. Ao final observou-se que o filme facilitou a compreensão dos aspectos trabalhados teoricamente.

Palavras-chave: Criança, Fenomenologia, Animação

Sumário:

Introdução.....	6
Breve introdução à Fenomenologia Existencial.....	8
A Fenomenologia e produções de arte, uma introdução.....	11
Metodologia.....	13
Breve introdução ao livro O Pequeno Príncipe (1943).....	14
Breve introdução ao filme.....	14
O Pequeno Príncipe.....	15
Compreensões e Reflexões.....	26
Considerações Finais.....	33
Referências.....	34

Introdução

Vivendo em uma sociedade midiática moderna como a que estamos situados, sempre estive imerso em diversos meios de entretenimento e comunicação como filmes, jogos eletrônicos, televisão e internet. Com o passar dos anos fui percebendo que em alguns casos tais produções vinham carregadas de sentidos reflexivos e traziam, ao menos para mim, novas compreensões acerca de novas formas de ser e pensar que me auxiliaram a ter novas compreensões do mundo.

Por vários motivos optei por cursar Psicologia como curso superior, e depois do meu ingresso no curso na Pontifícia Universidade Católica me deparei com diversas formas de pensamento de fazer psicologia, dentre elas estava a Fenomenologia Existencial de Heidegger, que procura ter um olhar psicológico direcionado aos fenômenos que definem o Ser-aí (*Dasein*) que se demonstra em diferentes formas de ser no mundo. Nessa linha da Psicologia, não há busca por generalizar e/ou ter uma explicação única para cada indivíduo em suas formas de construção, comportamento ou estruturas psíquicas. Por tal motivo e outros, acabei por me interessar e buscar me aproximar dessa forma de pensamento.

Durante meu período de graduação entrei em contato com o filme O Pequeno Príncipe, de 2015, que era uma adaptação do conto original de Antoine de Saint-Exupéry. Ao assistir o filme pude observar diversos fenômenos ligados as diversas linhas de pensamento existentes na Psicologia, como Psicologia Analítica, Psicanálise, Behaviorismo e a Fenomenologia Existencial.

Logo, por já ter uma base de compreensão, tive a vontade de ter um olhar mais aprofundado para essa produção midiática, porém não tive a oportunidade, até uma aula de eletiva, que me propiciou o tempo para a análise do filme, bem como recursos de pesquisa direcionados à Fenomenologia, uma orientadora, além de uma companheira para trabalharmos juntos nessa compreensão.

Na eletiva de pesquisa comecei a trabalhar sobre filmes e desenhos que tiveram impacto na sociedade ou nos grupos que assistiam a esse material com o intuito de aprofundar o que é da psicologia na arte e como estamos sendo influenciados o tempo todo.

Ao ver os resultados do trabalho feito em conjunto por mim e minha colega, Bárbara Ikuhara, pude perceber que nosso estudo poderia ser mais aprofundado sobre o filme em questão e sua relação com a Fenomenologia, portanto busco no presente

trabalho aprofundar essa relação, bem como trazer à tona questionamentos e reflexões a cerca dessa história com a filosofia de Heidegger.

Breve introdução à Fenomenologia Existencial:

A presente produção tem como base de análise o Filme O Pequeno Príncipe (2015), utilizando-se do olhar e pensamento fenomenológico existencial, criado por Martin Heidegger apresentado pela primeira vez em Ser e Tempo (1927). Tal filosofia é fundamentada na observação dos fenômenos por eles mesmos, buscando o sentido do ser. Por meio desta, busco trazer uma aproximação entre ambas as obras, a fim de realizar uma reflexão.

A Fenomenologia Existencial de Heidegger se inicia a partir do ponto em que o autor passa a contestar as formas de pensar típicas de sua época, bem como as ciências naturais e metafísicas que buscam sempre um método de compreensão e controle daquilo que vemos e experienciamos.

Heidegger (2016) propõe uma forma de pensar que não vê o ser humano como apenas mais uma criatura animal que está dentro do mundo, cuja sua única diferença dos demais acaba por ser sua massa encefálica e capacidade de racionalidade, continuando a ser um ser natural como os demais. O autor integra em sua filosofia a questão da existência, pautando assim como limiar de investigação do *ser-no-mundo*¹¹. Heidegger (2016) compreende que o homem tem sua concepção própria e única de estar no mundo, não estando dentro do mundo, mas sim *sendo junto a ele*. A partir da diferente forma de ser com o mundo, a concepção de *Dasein*, ou *Ser-aí*, é criada, ilustrando nossa busca constante por objetivar as experiências, sem nos darmos conta, de que a experiência original é muito anterior à racionalidade.

As vivências não são possíveis de ser quantificadas e a forma de se calcular e quantificar cada aspecto do mundo no qual estamos, nada mais é que uma forma de representação. A problematização surge do advento dessas formas de representações se perpetuar e caracterizar como a única e não se buscar de outras formas de representações, pelas mesmas já existentes serem de maior conforto ao ser e seguras, impossibilitando assim a originalidade das experiências de cada ser. Tais compreensões expressam formas de existência e compreensão que o ser pode ter.

A presença não é algo simplesmente dado que ainda possui de quebra a possibilidade de poder alguma coisa. Primariamente, ela é possibilidade de ser. Toda presença é o que ela pode ser e o modo em que é a sua

¹¹ Por utilizar a teoria Fenomenológico existencial de Heidegger, optou-se por colocar termos comumente utilizados nessa filosofia em itálico. Por motivos de alguns deles serem gramaticalmente errados na língua portuguesa, para que, também, não haja erros de interpretação.

possibilidade. A possibilidade essencial da presença diz respeito aos modos caracterizados de ocupação com o “mundo”, de preocupação com os outros e, nisso tudo, à possibilidade de ser para si mesma, em função de si mesma. (HEIDEGGER, 2016, p. 203)

Araújo (2005), através dessa citação de Heidegger, traz à tona o pensamento da fenomenologia que o *Dasein* não é um ser simplesmente dado que acaba por ter a possibilidade de algo, mas que ele própria sendo a possibilidade de poder ser, sendo no mundo e com os outros entres e Seres (homens).

O *Dasein* é um ente que está dentro da dimensão *ôntica*, preso ao fundo fatídico, às experiências imediatas e ao existir. Esse mundo de agora, o qual é dado ao homem, faz com que ele experimente, construa e delimite o seu *poder-ser*. A dimensão ontológica do existir, por sua vez é a condição que cada ser carrega em si e que possibilita ser o que é: aquilo que o *Dasein* tem e que possibilita seu modo próprio de se manifestar no mundo *ôntico*.

A fim de compreender o mundo de forma única, o *Dasein* tem duas formas ontológicas fundamentais para tal. *Ser-livre* ou *poder-ser* é aquilo que possibilita o existir, a condição que somos abertura para sermos tudo no instante em que viemos ao mundo. Sua existência é estar lançado ao mundo. Seu *poder-ser* se determina a partir do mundo de cada indivíduo, advindo das vivências de cada ser, porém essa estruturação não é determinada. Como dito, o *Dasein* vem ao mundo como abertura e possibilidade. Essa abertura, o *poder-ser*, é objeto de *culpa* para o *Dasein*, já que é disposto a ele inúmeras possibilidades e que ele deve somente escolher uma e abrir mão das demais.

A segunda condição ontológica fundamental é o *ser-para-a-morte*, a compreensão da própria finitude. O *Dasein* é o ente capaz da compreensão do próprio fim, de sua morte, inerente ao que se faça, causando-lhe, assim, a angústia. A angústia se origina no ser a partir da sua realização da contemplação de finitude, do outro e de si.

A angústia retira, pois, da presença [*dasein*] a possibilidade de, na decadência, compreender a si mesma a partir do “mundo” e da interpretação pública. Ela remete a presença para aquilo por que a angustia se angustia, para o seu próprio *poder-ser-no-mundo*. A angustia singulariza a presença em seu próprio *ser-no-mundo* que, em compreendendo, se projeta

essencialmente para possibilidades. (HEIDEGGER, 2016, p. 254)

O *Dasein* é um estar lançado no mundo de possibilidades de escolhas. Essas escolhas e possibilidades acabam por se entrelaçar com outros entes. Com estes entes o *Dasein* se preocupa através do zelo, do cuidado, dito como *cura* por Heidegger, apud Araújo (2005), ou seja, referir-se ao outro ente mundano. Porém, para antes de se importar com os demais é necessário o *Dasein* encontrar primeiramente a si próprio, através daquilo faz, usa e espera. O *Dasein* é um *ser-com*; sempre está junto de um outro. Estando com o outro, o ente está fazendo-o essencial. Mesmo se o *Dasein* for um *ser estar sozinho*, sendo essa uma forma debilitada de *ser-com*, ele continua a ser existencial, já que dessa forma ele está sendo junto ao mundo, junto aos *co-presentes*.

O *impessoal* é a condição já existente do mundo ao qual o *Dasein* se molda; a moldura a qual ele almeja estar dentro. Essa moldura acaba por fazer com que o ente se esqueça de sua estrutura básica de interrogação, fazendo assim com que haja uma conformação com aquilo que ele vive.

O *Dasein* [...] torna-se um ente cujo modo de ser já está previamente dado, dessa forma, não modifica suas possibilidades existenciárias mais singulares. (ARAÚJO, 2005, p. 43).

O *Dasein* é um ser o qual o seu eu, seu ser é o que está sempre em jogo; que ele está sendo ele mesmo, que ele se abre para si próprio por conta de sua compreensão ante predicativa que possibilita a interpretação, pois ele é o ser da linguagem. Heidegger (2016) traz uma interpretação *ontológico-existencial*, onde ele esclarece que a angústia é algo que gera dentro do ente a possibilidade de *poder-ser* mais próprio, assumir uma maior liberdade de si mesmo e escolher a si. Essa abertura gerada pela angústia possibilita que o *Dasein* tenha uma possibilidade de reflexão e insight; dele entrar em contato com seu eu, sua propriedade. Com a angústia o homem tem a singularização de si com o mundo, seu *ser-no-mundo*.

A *impropriedade* é uma condição que também está em contato com a angústia, porém ela lida de forma diferente que a propriedade; pode vir como uma das formas do ser se refugiar.

A impropriedade nos livra da tarefa de ser e compreender o sentido de ser (alívio da tarefa de ser e pode-ser). O *Dasein*, muitas vezes, se refugia na

impropriedade, pois a tarefa de ter que ser é aliviada, uma vez que ser si mesmo próprio exige um recorte próprio para sua existência, implicando necessariamente em escolha e apropriação de sentidos. (SODELLI; SODELLI-TEODORO, 2011, p. 257)

É importante ressaltar que a *impropriedade* não é sempre algo negativo, ela organiza mundos, contextos de relação com a vida, legisla algo para todo mundo conferindo sentido a todos.

Nós somos seres lançados ao mundo, assim devemos aprender a lidar com o mundo de alguma forma, a fim de sobreviver. Para tal cada um busca suas formas únicas de diferentes formas; tais meios podem acabar por nos distanciar de nós mesmos, sonhando nossas necessidades, conflitos internos e angústias, por mais fundamentais e essenciais ao nosso ser que sejam.

Por conta das pesadas demandas do mundo, acabamos por ir atrás de meios que nos impossibilitam de entrarmos em contato com nós mesmos, criando pensamentos, rotinas ou deveres. Buscamos formas de fuga que sejam fáceis, rápidas e seguras para que nos sintamos bem.

A Fenomenologia e produções de arte, uma introdução:

Esse trabalho parte da ideia de Heidegger, pensador alemão inscrito na história da fenomenologia, fundada por Edmund Husserl (1859-1938), realizou um caminho singular ao contemplar o 'sentido do ser', questão esquecida até então pelo pensamento positivista metafísico ocidental. Esse caminho em direção à explicitação dos sentidos do ser é realizado em *Ser e Tempo* (1927) a partir de uma Fenomenologia Hermenêutica, tema já anunciado por Heidegger na obra *Hermenêutica da Facticidade* (1923).

A Fenomenologia por si só é uma filosofia que acaba por se pautar em conteúdos literários que vão além dos que seguem a metodologia científica. Gmeiner (1998), em *A Morada do Ser* nos traz um pouco sobre a gênese da Fenomenologia Heideggeriana, onde o autor, inicialmente, utilizou de poesias para construir o seu pensamento acerca do conhecimento da palavra, uma vez que a sociedade do século XIX e início do século XX estava tão subjugada pelo método e rigor científico que acabou por se cegar com a falsa ideia da Ciência ter o intuito de saber tudo e reduzir ao conhecimento exato.

A partir desse pretexto, Heidegger passa a estudar e se utilizar da linguagem poética, uma vez que essa é uma linguagem mais descompromissada, possui um peso etimológico de “fazer” mais próprio. A poesia é capaz de trazer a linguagem à realidade, sendo ela capaz de proporcionar o distanciamento ideal para se realizar a *volta às coisas mesmas*, como dizia Husserl em seus pensamentos.

A História da Fenomenologia Existencial está por si só pautada na aproximação do pensamento filosófico com a realidade da comunicação de sua época, como a poesia, música e arte. A partir disso o movimento oposto acabou por também ocorrer, com obras de entretenimento e arte se utilizando direta ou indiretamente da Fenomenologia.

Filmes, por serem produções presentes desde o início do século XX acabaram por acompanhar diversas evoluções da humanidade, bem como o desenvolvimento científico, tecnológicas e filosóficos, de forma que já haviam diversos filmes já produzidos na década de 20, quando Heidegger publica *Ser e Tempo*. Contudo esse campo do entretenimento ainda tinha um longo caminho a percorrer até se tornar algo tão popular como presenciamos nos dias de hoje.

Com o caminhar da sociedade novas formas de se comunicar surgiram onde Heidegger provavelmente jamais pode imaginar serem possíveis, bem como a internet, contudo ele se utilizou daquilo que existia em seu tempo para desenvolver um modo de pensar que depois de mais de 90 anos à publicação de *Ser e Tempo* é muito utilizado para encontrarmos e desenvolvermos novos conhecimentos.

Os filmes são, atualmente, um dos maiores meios de comunicação e entretenimento que possuímos e, assim como Heidegger, não podemos descartá-los como fonte de conhecimento e reflexão para assim atingirmos uma maior compreensão dos fenômenos. Trabalhos que relacionem a Fenomenologia ao cinema ainda não são números, porém existentes e crescentes, uma vez que quando passamos a ter um olhar fenomenológico sobre alguns deles, bem como Borba (2016) em *Uma análise fenomenológica do filme “Melancolia”, de Lars Von Trier*, que através de um olhar fenomenológico busca fazer o psicodiagnóstico da protagonista.

Diante dessa relação tão estreita entre arte e fenomenologia que entender o desenho O Pequeno Príncipe a luz da Fenomenologia se tornou possível.

Objetivo:

O presente estudo foi uma reflexão sobre o filme O Pequeno Príncipe (2015) a partir de uma visão Fenomenológica Existencial, especialmente no que tange a visão de pessoa consigo e do mundo a partir das adversidades vivenciadas pela personagem do filme através da compreensão da mesma para com esses fenômenos.

Metodologia:

A presente pesquisa visou a reflexão das questões existências observadas na obra de Mark Osborne (2015) e focou em criar um paralelo entre as vivências da personagem que ~~he~~ causam alteração do seu modo de ser e viver e o pensamento de Martin Heidegger (1889 – 1976).

A escolha pela Fenomenologia Existencial se deu pelo motivo dessa filosofia trazer em suas construções o mesmo princípio que o filme nos mostra: o Ser é algo que está sempre em jogo, pois ele está no mundo, sendo afetado pelo mesmo e o afetando, causando e sendo uma constante mudança.

Foi utilizado meio qualitativo de apresentação de informações, seguindo como princípio de análise a Fenomenologia Existencial para a confecção do presente trabalho. Utiliza como recursos de construção materiais documentais disponíveis em portais de artigos e revistas científicas, bem como o filme em questão.

É utilizado como instrumento base o DVD de O Pequeno Príncipe (Le Petit Prince, Osborne, 2015) através da transcrição do filme como objeto principal da análise.

O método de análise será de observação e compreensão fenomenológica acerca das vivências elucidadas nos filmes da personagem principal do filme analisado.

Breve introdução ao livro O Pequeno Príncipe (1943):

O Pequeno Príncipe é uma história escrita pelo aviator Antoine de Saint-Exupéry (1943). O autor escreve suas memórias de quando estava pilotando seu avião e acabou por cair no Deserto do Saara, onde se encontrou com um menino que estava vagando pelas dunas sozinho.

No livro é contada a história do menino que vivia em seu asteroide sozinho, cuidando dele diariamente. Em certo dia o menino se depara com uma planta crescendo, que posteriormente acaba por se tornar uma rosa. O menino cuida dela, mas por estar sufocado pela sua atitude orgulhosa e vaidosa decide por deixá-la e vagar pelo universo.

Após diversos encontros com pessoas e outros asteroides o Pequeno Príncipe acaba por vir a Terra, onde se depara com uma serpente, que lhe oferece uma forma de voltar a sua casa; uma raposa, que queria ser cativada e ter um amigo; o aviator, que conheceu antes de partir novamente e partilhou seu encontro publicando seu livro.

Esse livro ainda aparece entre os mais lidos do mundo, traduzido em diferentes línguas e linguagens, agradando a pessoas das mais diversas idades e condições sociais.

Breve introdução ao filme:

O Pequeno Príncipe (2015), de Mark Osborne, é uma releitura do conto original de Antoine de Saint-Exupéry, se utilizando de partes e personagens de sua história, porém com o filme se apropriando deles e fazendo sua própria história com os mesmos.

O filme conta a história de uma menina que vive uma vida constantemente planejada por sua mãe, onde ela decide por se mudar para perto de uma escola conceituada, local que a mãe espera que a filha possa ser aprovada e venha a ter uma vida exponencial. Durante esse período a menina acaba por conhecer seu vizinho, um senhor, que acaba por lhe apresentar a história de um menino que vivia em um asteroide com sua rosa que conheceu em um deserto aqui na Terra.

Os personagens principais do filme são a menina, o velho/aviador, e o Pequeno Príncipe e (posteriormente) somente Príncipe. Nenhum dos personagens desse filme possui um nome próprio, por razão do mesmo foi necessário utilizar outros meios de identificação.

O mundo do filme em questão que nos é apresentado acaba por nos trazer a visão de uma sociedade que nos dá a entender ter se pautado na essencialidade e na utilidade do que aquilo tem para o futuro da pessoa e dela na sociedade. Em vários momentos do

filme a personagem principal (menina) é forçada a se focar naquilo que é imposto como “essencial e importante” para que no futuro ela se torne uma boa adulta, que por consequência acaba por se focar em como será o papel dela nesse mundo.

O Pequeno Príncipe:

O filme começa com um homem narrando um pouco de sua história. Ele fala sobre um livro que havia lido que jiboias em que comem suas presas inteiras sem mastigar. Esse homem, ainda menino, resolveu desenhar uma cobra que havia engolido um animal. Quando tinha acabado ele perguntou à adultos se o desenho lhes dava medo e, então, uma sombra de um adulto aparece e pergunta por que ele teria medo de um chapéu (forma que se aparentava o desenho). Então o narrador diz, ironizando os adultos, que eles não entendiam nada sozinhos e, então, por isso ele resolveu fazer outro desenho igual ao anterior sendo, porém, a cobra transparente e um elefante dentro dela. Então outras três sombras aparecem aconselhando que ele deveria se dedicar a matérias como aritmética, história e gramática. Então o homem diz ter seguido os conselhos dos adultos e que havia esquecido de como era ser criança, até o momento em que algo aconteceu em sua vida e mudou tudo para ele. O personagem gostaria de partilhar esse acontecimento com outras pessoas, porém ele diz que o mundo se tornou “adulto demais”.

Durante esse primeiro momento, em que nos é apresentada a vida da menina e a sociedade a qual ela vive, percebemos que em nenhum momento a menina para sua rotina ou a linha de pensamento da mãe para contestar e dizer se ela é contra ou não. É possível perceber que essa criança não elucida um pensamento de vontade própria. Ela segue estritamente aquilo que lhe é demandado e esperado.

É passado para outro momento do filme, com uma visão do alto de uma cidade surgindo, se aproximando de um prédio em específico e com outro homem ao fundo falando a respeito dos “assuntos sérios do dia”, onde ele dizia a respeito de números (sem especificar) que haviam sido contados e recontados, escritos em papéis que haviam sido levados ao bando e trancados lá. Novamente há um corte na cena e duas personagens, uma menina e sua mãe, estavam sentadas em um banco esperando por uma audiência de admissão para uma escola. Durante toda a cena em que as personagens esperam pela reunião, a mãe e a menina ditam simultaneamente a forma como a criança deveria se portar enquanto seu currículo era avaliado. Ao terminarem de

repassar sua compostura, é mostrado que, com base em dados históricos e estatísticos, caso fosse possível ela ingressar na escola, uma pergunta seria feita: “Você é essencial para a academia Werth?”. A menina enuncia o começo de um discurso já ensaiado de como ela deve responder a essa pergunta para garantir sua vaga, mas é interrompida no meio, quando é chamada para ser avaliada em uma reunião com as pessoas que a admitiriam ou não na escola.

Na audiência, a menina espera ansiosa pela chance de falar aquilo que foi ensaiado anteriormente. Ao ser indagada pelos avaliadores, a criança se mostrou focada em repetir seu discurso que ao perceber que uma pergunta tinha sido feita, logo começou a reproduzir o que fora ensaiado. Após algum tempo que iniciou seu discurso ela percebeu, pelas ações da mãe que tentava chamar sua atenção de forma discreta, que a resposta estava errada, que a pergunta havia sido mudada. Quando a menina para de falar, ela desmaia. A pergunta era: “*O que você vai ser quando crescer?*”. Quando saem da sala é possível observar que há diversos quadros pela parede onde as personagens se localizavam antes. Todos ilustravam o mesmo: um homem atrás de uma criança com uma tarja no topo do quadro escrito a pergunta feita pelos avaliadores momentos antes. Em resposta o menino do quadro diz “essencial”.

Depois que a garota não consegue passar no teste, vemos as personagens dentro do carro di

scutindo o que elas fariam agora que a menina não havia sido admitida. A mãe decide ir para o “Plano B”, que consistia em procurar um local perto da escola para que ela e sua filha viessem a morar nos arredores da instituição. Na cena de procura e preparação para a mudança, novamente a voz do homem que falou a respeito dos “assuntos sérios do dia” apareceu no rádio do carro das personagens, falando que os assuntos sérios de um homem sensato e sério envolviam *bridge*, *golf*, política e outras “exigências”.

Quando chegam a sua nova casa, as personagens percebem que a casa ao lado, sendo ela fisicamente diferente, cheia de plantas não cortadas e pombos ao redor dela. A menina se mostra incomodada com a casa vizinha e pergunta se ainda havia outro plano, porém, a mãe insiste e diz que essa casa “diferente” possibilitou que elas comprassem a nova morada delas. Em um momento, ainda na mesma cena a menina pergunta se ela merecia frequentar a Academia, a mãe responde que até o final do verão ela iria merecer. Quando terminam de trazer caixas de pertences para dentro de casa, a mãe mostra para a menina um quadro de planejamento que resume a vida de sua filha (intitulado de Plano de Vida), mostrando cada dia da semana, ditando exatamente como ela deve se portar e

dividir todo o tempo de seus dias para se preparar adequadamente para a avaliação da escola no semestre seguinte e o resto de sua vida. Todo o quadro mostra os minutos exatos que a menina deve passar estudando, comendo, se exercitando e dentre outros afazeres por dia para garantir seu potencial. O quadro mostrava como seria dividida sua semana e ele podia se adaptar conforme o mês e ano da vida da menina. A mãe elucida, também, que nesse quadro já está tudo planejado para eventos futuros, como os aniversários da filha e que em seu próximo, de 9 anos, ela ganharia um microscópio, que seria ótimo para o currículo de biologia da Academia Werth e que já estava embrulhado. A menina não esboça aceitar nem recusar tão nível de planejamento referente a sua vida.

A mãe diz que toda a atenção da dela deveria estar voltada para o primeiro dia de escola (que ela deveria passar o verão inteiro estudando), então ela deveria usar todos os minutos que estão pré-inscritos no quadro. Então a mulher diz para a garota que ela não pode mais cometer erros como o da entrevista. Quando a mãe termina de mostrar o quadro para sua filha e como ele deveria funcionar, ela passa para a menina um bastão que a ajudaria a organizar o quadro dizendo que ela seria uma adulta maravilhosa. A menina pega o bastão, como sendo o dever dela assumir essa rotina.

Ao sair de casa para o trabalho, a mãe descreve toda a situação de seu emprego para a filha, dizendo que ocorreram problemas. A menina chega a completar a fala dela, mostrando que tinha conhecimento do que ela passava em seu trabalho. A menina então diz que sua mãe poderia ir, pois ela tem um plano de vida para cumprir. Quando a mãe sai com seu carro, a visão se distancia da casa e vemos a vizinhança em que elas moram. Vemos outros carros saindo ao mesmo tempo e de forma ordenada.

Assim que a mãe se ausenta, a menina começa a sentir um cheiro diferente, então começa a segui-lo até o seu quintal, quando o adentra, sente o cheiro vindo do quintal vizinho. Repentinamente uma hélice de avião quebra a cerca, destrói a parede de sua casa e entra na sala, bagunçando tudo que há dentro e derruba os ímãs do Plano de Vida da menina. O velho (com a mesma voz do narrador inicial do filme) entra na propriedade e pega de volta sua hélice. Devido o ocorrido, a garota chama a polícia para conversar com o velho. Enquanto espera o vizinho aparecer, quatro personagens (também vizinhos) ficam do lado de fora de suas casas presenciando o que ocorreria e conversando baixinho entre si. Quando um senhor sai da casa e cumprimenta essas pessoas, os mesmos retornam a suas casas rapidamente, se recusando a responder ao cumprimento do velho. O senhor tentar disfarçar não sabendo o motivo da visita do policial, mas quando o mesmo pergunta se o senhor havia tentado ligar novamente o avião dele, o velhinho confirma a história e que acredita ter causado um grande dano material na casa vizinha.

Ele pergunta se ele seria levado para a delegacia, mas o policial diz que não. Como forma de reembolsar os danos, o velho entrega ao policial um jarro cheio de moedas. Ele por sua vez entregou à menina.

Ao chegar em casa à noite, a mãe encontra a garotinha sentada em uma caixa, com as moedas, esperando-a para mostrar o ocorrido. Durante esse tempo a mulher diz que ela precisaria fazer algumas ligações para a seguradora e para a polícia. No entanto a menina já havia feito os telefonemas para assegurar que tudo estaria bem, assim como preencher algumas documentações.

A garotinha, então, arruma seu quarto, (ao som do rádio com o locutor falando sobre mais assuntos sérios e do mercado e uma análise dos números mais importantes do dia) com todos seus livros necessários para o estudo, além de organizar sua mesa e alguns globos de neve (presentes de seu pai). Nesse momento a menina encara um de seus globos, que era uma miniatura de alguns prédios, e, por breves segundos, vê dentro de um dos prédios diversas pessoas sentadas em suas mesas trabalhando. Mas a menina balança sua cabeça e volta a sua rotina como se não tivesse visto nada.

Ao começar seus estudos, a menina recebe um avião de papel vindo do lado de fora da janela. Ela desfaz o avião e encontra um desenho nessa folha, junto de uma história (nesse momento é introduzida a história original do Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry). A menina começa a ler a história, porém é interrompida pelo velho dizendo que ele acreditava que ela precisava de um amigo e por isso havia mandado a ela aquela história que ele havia escrito. Contudo a garota fecha sua janela, abaixa sua persiana, se negando a responder ao senhor e que pudesse voltar a seus estudos. Ela joga fora a página sem terminar de ler. Enquanto fechava a janela, o velho dizia que não havia problema, pois ninguém o entendia e a história.

Até esse momento, o filme mostra brevemente, a rotina da menina e sua mãe, onde assim que um despertador toca ambas levantam imediatamente, colocando um relógio em seus pulsos e se arrumando. Quando a mãe deixa a casa ela encontra um bilhete e uma rosa em seu carro. Ela lê a mensagem enquanto o senhor observava atrás da cerca, mas depois ela joga fora a planta e o papel. Vemos a menina seguindo sua rotina de forma rígida, cronometrando minuciosamente suas tarefas em seu relógio e trocando de atividade assim que seu alarme soava.

Em sua rotina, a menina seleciona um tempo para organizar as moedas que havia recebido do velho. Enquanto as organiza em pacotinhos, a menina espeta o dedo em um objeto diferente (uma Espadinha de metal). Após ver o que era, ela começa a procurar em meio as moedas e começa a achar diferentes objetos (ligados a história do Pequeno

Príncipe), como uma rosa, um avião e um boneco de madeira de um menino. Ao achar esses objetos, a menina se recorda da história que havia começado a ler e pega em sua lixeira o papel que o senhor havia lhe dado na noite anterior para terminar de lê-lo. Enquanto lia, a menina começa a imaginar a história acontecendo.

A história contava como o velho, sendo ele o Aviador, encontrou o Pequeno Príncipe pela primeira vez, onde ele estava perdido em um deserto com seu avião quebrado e como o Pequeno Príncipe surgiu e pediu à ele que desenhasse um carneiro.

Quando termina a página que recebeu, a menina se mostra curiosa e vai atrás do aviador para devolver o desenho e entender melhor a história. Assim que entra no terreno que pertence ao senhor, ela fica impressionada com o lugar. O quintal era cheio de plantas, todas com colorações vibrantes e bem chamativas; havia flores, igualmente vibrantes em cor, pássaros, uma música sendo tocada em uma vitrola e o avião, no qual o velho estava trabalhando.

Quando ela vai ao encontro do velho, começa a perguntar e fazer críticas quanto a história, se utilizando de palavras rebuscadas e de conhecimentos científicos e datados que contradizem aquilo que o aviador havia escrito. Ela queria saber melhor de onde vinha aquele garoto; como ele sobreviveria no deserto, pois ninguém sobrevivia muito tempo sem comida e água; quem seriam seus pais; se ele ia à escola; se ele realmente vivia “lá em cima”, pois ela havia estudado astronomia básica e nada falava a respeito de vida em outros planetas; e que seria improvável que ele viria de uma estrela. O aviador corrige a menina dizendo que ele vem de um asteroide e não de um planeta ou estrela. A menina então aceita a objeção do velho respondendo que ela ainda não havia estudado sobre asteroides. O aviador então diz que o fato dele querer um carneiro já seria uma prova da existência do menino.

O velho leva a menina para sua casa para ele entregar a ela mais um de seus desenhos. Vemos na casa do senhor que ela é completamente diferente das demais casas dessa sociedade, sendo ela construída de forma muito diferente, além de ser colorida, cheia de plantas por fora, repleta de objetos e completamente desorganizada por dentro, diferente da casa da menina. Nesse meio tempo a garota faz comentários, como dizer que a casa dele sofre de um grande risco de incêndio. Enquanto o velho procurava por seu desenho, a menina encontra uma raposa de pelúcia (outro objeto presente no conto de Saint-Exupéry), que se tornaria um brinquedo dela (único em todo o filme).

Na cena seguinte o aviador leva a menina para o telhado de sua casa para que ele pudesse mostrar a ela as estrelas com seu telescópio. Enquanto esperava pelos astros, o velho conta outro pedaço da história do Pequeno Príncipe, sobre sua vida no asteroide,

de sua rosa e de sua partida pelo universo para se distanciar de sua rosa, que o atormentava com sua vaidade. A menina quis entender o porquê o Pequeno Príncipe havia deixado a planta e para onde foi. O velho respondeu que a partida do garoto seria o início da volta dele para casa.

Ao chegar em casa à noite, a menina encontra sua mãe. Disse a ela que não havia terminado seus estudos ainda e que ela havia feito um amigo. Ao ouvir isso a mãe logo decidiu olhar no quadro de planejamento da filha e demarca um tempo restrito de meia hora em um único dia da semana no verão em que a filha poderia ir brincar com esse amigo², caso ela cumprisse com seu tempo de estudo.

Na cena seguinte, vemos que no horário que a menina deveria dormir, ela começou a ler outras páginas da história que havia recebido. Nesse momento a menina conhece novos personagens do Pequeno Príncipe, como o Homem Orgulhoso, que adorava ser aplaudido e agradecia por isso; o Rei, aquele que mandava sobre tudo e todos, realizando pedidos assim que possível; e o Homem de Negócios, cujo passava seu tempo contando seu dinheiro e suas estrelas para poder comprar mais estrelas e ser mais rico. Em certo momento a menina vê sua mãe conferindo seu quadro de horários para ter certeza que estava tudo certo com a vida da filha. Nisso a menina começa a imaginar um mundo, semelhante aos que ela imaginava do Pequeno Príncipe, porém com sua mãe, onde ela jogava de um lado a outros discos similares aos ímãs no Plano de Vida da menina.

Vemos, então mescla de cenas da menina brincando com o aviador, com eles se aproximando cada vez mais um do outro e de mais cenas da história do menino que vivia no asteroide, como o momento em que ele se encontra com a cobra no deserto, que poderia leva-lo de volta ao seu lar no dia que ele precisasse. Também é contado o momento em que o menino se encontra com a raposa, onde eles precisam se cativar para que um se torne necessário para o outro.

Os momentos em que a menina passa com o aviador são repletos de diversão, curiosidades de ambos, brincam com tinta que brilhava no escuro, que depois apareceram em formas de estrelas no quarto da garota; falar sobre como adultos são tão estranhos, diferentes e chatos em relação às crianças.

Depois de certo tempo de filme, a menina abandona o Plano de Vida, imposto por sua mãe, deixando seu relógio que cronometrava o tempo entre cada parte de seus afazeres de lado. Ela passa a enganar sua mãe mostrando no quadro que ela havia feito

² Na tradução para o português há um “desentendimento”, pois em nossa língua há o masculino e feminino para a palavra amigo, já nas versões em inglês e em francês não há diferenciação, “*friend*” e “*ami*”.

tudo que devia e passando mais tempo na casa do aviador, conhecendo mais sobre a história do garoto que vivia no asteroide.

A menina lê sobre a partida do Pequeno Príncipe de volta a sua rosa, deixando a raposa sozinha. A garota indaga o senhor se o Pequeno Príncipe e a raposa voltariam a ficar juntos, o velho afirma que ficariam, pois, a raposa olha para o menino com o coração e que se ela conseguisse fazer o mesmo ela não ficaria mais sozinha. Mas a garota diz que ela não estaria mais sozinha, pois ela tinha o aviador. O velho diz ter sorte, pois finalmente havia encontrado alguém que ouvisse sua história bem na hora. A menina então pergunta o que ele quis dizer com essa fala. O aviador explica para ela que em um momento todos acabam partindo, que ele poderia consertar o avião e ficar com o Pequeno Príncipe. Ela diz que o Príncipe já tinha sua rosa e que ela é quem precisava dele.

Para evitar que a menina se chateasse o velho decide levá-la para comer fora. Eles são parados por um policial, que chama a mãe da personagem para relatar toda a situação. Com isso a mulher descobre que a menina a vêm enganando, dizendo que a garota mentiu para ela e para o “Plano de Vida” dela.

Na cena posterior, vimos o diálogo entre a G, garota e sua M, mãe:

G: Isso? É só uma caixa de madeira cheia de imãs. Às vezes eu acho que gosta mais disso do que de mim.

M: Está errada. Eu gosto disso tanto quanto gosto de você. Você é isso, essa é sua vida. E eu sou a única assumindo essa responsabilidade por ela.

G: Essa é a sua versão da minha vida, não a minha. Se ficasse mais tempo aqui veria isso.

M: Você sabe muito bem... porque eu tenho que trabalhar tanto.

G: Você ficou igualzinha a ele (pai). Ocupada, sempre trabalhando. Só falta agora também desaparecer.

Após o acontecimento a mãe pega as folhas da história que a menina recebeu, as rasga e joga no lixo junto com a raposa de pelúcia, dizendo que bastava dessas ações da menina e que ela teria duas semanas para se concentrar no que é essencial.

A mãe da menina passa a vigia-la constantemente, para certificar-se que ela seguiria o plano imposto a ela, e que pudesse entrar na escola. Passado algum tempo, uma noite a menina revê as folhas e o bicho de pelúcia que estavam no lixo, as concerta e volta a ler a história.

A menina vai atrás do aviador com uma mala para que eles pudessem consertar o avião e ir atrás do Pequeno Príncipe. Contudo o senhor diz para ela que quando chegar a

hora dele partir, ele deve ir sozinho. A menina insiste em querer ir com ele, dizendo que não vai incomodá-lo e que não ocuparia espaço, pedindo para que ele não vá sem ela. Com isso o velho decide contar a ela o final da história.

Ao escutar que o avião deixou o Pequeno Príncipe ir e voltar para sua rosa, a menina deixa de olhar e se vira.

Nesse momento ocorre o seguinte diálogo entre G, garota e o A, avião:

G: Você disse que ele tá lá em cima, não disse, junto da rosa?

A: Bom, foi exatamente o que ele me disse e quando eu olho para as estrelas eu o escuto rindo.

G: Mas não sabe de verdade.

A: É, seria um grande conforto para mim saber de verdade, mas ao invés disso eu prefiro acreditar que ele está lá.

G: Você quer que eu faça isso quando você for embora? Que eu olhe para as estrelas e faça de conta que você não foi?

A: É... Mas se você olhar com o coração, eu sempre estarei com você. Assim como eu sei que O Pequeno Príncipe sempre estará com a rosa dele.

G: Mas não pode saber de verdade. E, e se ele não estiver com a rosa? E se estiver ficado adulto?! E sozinho?! E se estiver perdido?! E se tiver esquecido tudo?!

A: Não, não, não, não. Espere minha querida, O Pequeno Príncipe jamais esquecerá ele sempre estará lá em cima por nós, para nos ajudar.

G: Não quero ajuda dele! Eu odeio O Pequeno Príncipe! Perdi meu verão inteiro com Pequeno Príncipe.

A: Mas...

G: Não devia ter me contado essa história idiota! (ela joga a raposa no amontoado de papéis na mão do avião e depois sai correndo de volta para casa).

Após a discussão, a menina chega em casa e se livra de todos os objetos relacionados aos seus momentos com o velho, como estrelas que brilhavam no escuro que ela colocou por todo o seu quarto.

Depois dessa cena, outra vem em que, aparentemente, a menina corta seus laços com o avião e é visto a menina no carro com sua mãe ouvindo o locutor do rádio falar novamente em número e rendimentos da sociedade. Quando chegam à vizinhança há uma ambulância retirando o velho de sua casa e levando-o para o hospital. A garotinha se assusta com a situação e corre atrás do carro pela cidade em uma bicicleta para acompanhar o velho. Quando chega ao hospital a menina encontra o velho sendo levado em uma maca e ela segue pedindo para que ele não se vá, que ela precisava dele.

Apesar do acontecimento, a mãe diz à filha que ela não deveria esquecer-se do dia seguinte, que era um dia importante, uma vez que era o dia em que ela tentaria entrar na escola que tanto a mãe desejava.

Mesmo assim, a menina decide ir atrás do Pequeno Príncipe para que ele pudesse ajudar o avião. Para isso ela desce de seu quarto por uma calha, que acaba se

desprendendo da parede a fazendo-a cair. Após acordar no gramado de seu vizinho, se depara com o avião construído e pronto para decolar.

Nesse momento a raposa cria vida e o avião levanta voo por conta própria graças a um mecanismo feito pelo aviador. Com isso os dois vão para o espaço a procura daquele que os ajudaria, mas eles se deparam com um universo vazio, sem estrelas, apenas um mundo repleto de prédios altos e cinzas, com ruas cheias de carros e pessoas igualmente sem cor. Nesse mundo eles veem uma silhueta que acreditavam ser O Pequeno Príncipe no telhado do prédio mais alto desse mundo e decidem pousar.

Ao chegarem na cidade, a menina e a raposa se deparam com um policial, que acabou por ser o Homem Orgulhoso dos desenhos do aviador. A menina descobriu esse fato ao aplaudir o homem e ele agradecer, igual a história. O personagem pretendia prender a criança por diversas infrações, mas ao tentar algema-la, não conseguiu, pois elas caíam do pulso da mesma. Ao dizer que ela era apenas uma criança todos ao redor dela se espantam e o Homem Orgulhoso diz que isso é algo proibido naquele lugar e segura a menina pelo pulso. A menina escapou graças ao público que assistia a cena, pois eles começaram a aplaudir o policial, que por sua vez não resistiu e começou a agradecer os aplausos.

Chegando ao prédio em que se encontrava o Pequeno Príncipe, a menina se depara com o Rei, que virou um ascensorista. Para fazer com que ela chegasse ao telhado do prédio, a garotinha trata o homem com condecoro, igual ao que ocorre na fábula. Ao ser tratado dessa forma, o Rei atende ao pedido da garota.

Quando se deparam com o Pequeno Príncipe, ele não é mais um garoto, mas sim um adulto de nome Príncipe. Quando a menina tenta contar a história que o aviador havia mostrado para ela e para o antigo garoto, ele não se recordar de nada que havia passado antes, nem mesmo que ele já havia sido uma criança. No meio desse diálogo, também, Príncipe diz que havia perdido mais de 300 empregos naquela sociedade. Seu emprego como limpador de chaminés tinha sido sua última chance para se encaixar no meio em que ele vivia. Chance essa que foi desperdiçada ao perder todas as suas vassouras enquanto conversava com a menina.

Príncipe, em dado momento perguntou a garotinha o porquê dela ser tão pequena, já que ninguém naquele mundo era como ela. Ao responder que ela é uma criança, o jovem decide levá-la a um lugar que a ajudaria. No momento seguinte a menina é levada a um lugar onde tudo que não era essencial se transformava em algo essencial. Neste lugar vemos diversos objetos como bicicletas, barcos, caiaques e dentre outros pertences

que não tinham o seu lugar naquele mundo e eram transformados em outras coisas que seriam úteis, como clipes de papéis.

Neste lugar a menina é presa a uma cadeira de máquina por outro homem, que jogou fora a raposa de pelúcia e os desenhos do aviador, dizendo que elas não eram essenciais. A máquina em questão forçaria a menina a aprender o “essencial do essencial”, um livro que a ensinaria tudo aquilo que era necessário de se aprender e saber para o mundo em que eles vivam, fazendo-a crescer de forma acelerada e esquecer como é ser criança. Príncipe havia passado pela mesma máquina muito tempo antes dela e esquecido de toda a sua história.

Príncipe derrubar o lixo onde estava os desenhos e a raposa. A raposa liberta a menina e Príncipe ajuda a prender o outro homem na máquina, dando ao pequeno grupo uma chance de fuga. Quando a menina pergunta o porquê o rapaz ajudou ele mostrou o desenho do carneiro que ele havia recebido do aviador anos antes, sendo esse o mesmo desenho que ele viu nas folhas que a menina tinha trazido com ela.

Os personagens vão atrás do avião que trouxe a menina para que eles pudessem voltar ao aviador. O avião estava no mesmo local que eles, prestes a ser destruído, pois não era algo essencial. Enquanto tentam recuperar o transporte, Príncipe encontra todas as estrelas que sumiram do espaço. Elas estavam presas em uma grande máquina. Príncipe recobra mais um pouco de sua memória referente a sua rosa.

O Homem de Negócios aparece e conta para os personagens que foi ele quem possui todas as estrelas do céu; que antes elas não eram nada essenciais, mas que ele havia transformado elas em algo útil e essencial, as utilizando como “estimulante” para as pessoas do planeta, fazendo-as ser mais produtivas. Então o Homem manda que o Homem Orgulhoso leve a menina de volta a sala de aula. Príncipe manda-o parar e o Homem de Negócios indaga o jovem perguntando quem ele pensava que era para falar aquilo. Como resposta o jovem diz que ele é o Pequeno Príncipe. O Homem de Negócios debocha dele.

Após esse ocorrido, a menina se liberta do Homem Orgulhoso e os personagens vão atrás do avião para fugir do planeta. Durante esse tempo, a menina liberta todas as estrelas que estavam aprisionadas pelo Homem de negócios, fazendo com que elas voltassem ao espaço.

A menina leva o Pequeno Príncipe de volta ao seu asteroide e no caminho eles se deparam com outros asteroides (da história original) e Príncipe vai recobrando sua memória conforme os vê. Quando encontram o lar do Pequeno Príncipe ele estava infestado por árvores enormes (Baobás). Eles encontram a rosa do Príncipe, mas ela

estava morta. A menina chora pela rosa, dizendo que ela e o rapaz deveriam ficar juntos e que aconteceria o mesmo com ela, que ela perderia seu amigo, que ela cresceria e o esqueceria tudo a respeito do velho. A menina pergunta porque o rapaz não estava chorando. Nesse momento o Sol nasce, fazendo com que Príncipe volte a ser criança. O Pequeno Príncipe diz a menina que ela não era uma rosa comum, que era a única de sua espécie no universo e que ele se lembrava de toda a sua história e que ela (rosa) não tinha ido embora. A menina diz que a rosa estava realmente ali. O menino completa dizendo que só era possível se ver com o coração. A menina então diz: *“Então sempre estará comigo. Agora compreendo”*. A menina retorna ao seu mundo.

No dia seguinte, vê-se a mãe indo ao quarto da filha, querendo saber como ela estava após o acontecimento do dia anterior. Ela se deparou com o quarto vazio, a janela aberta e com a calha de sua casa caída. Mas sua filha aparece atrás dela pedindo para que ela se apressasse, pois ela queria visitar seu amigo no hospital antes de elas irem para a escola.

Quando chegam no quarto, a menina encontra o velho e pede desculpas para ele pela forma como ela o tratou. A garotinha entrega ao velho um presente. Ela havia reunido todos os desenhos da história de seu amigo e feito um livro para ele.

Mais a noite, ao chegar em casa, a menina e sua mãe aparecem rindo e se divertindo, indo para o telhado de sua casa, onde nele havia um telescópio mirado para o céu, para que elas pudessem olhar as estrelas, igual ao que ela fazia com seu amigo aviador.

Compreensão e Reflexão:

Nota-se que é investigado no filme, através das vivências da personagem principal os diferentes modos de existência do *Dasein*, bem como a *impessoalidade*, *impropriedade* e *propriedade*, buscando assim explicitar como o Ser sendo o *ser-no-mundo* isso compele em sua construção como *Dasein*. É importante ressaltar que como se trata de um personagem de filme que está sendo discutido, por tanto não sendo um indivíduo factual, existente e com sua própria história. Por sua construção de realidade fictícia há a liberdade de o autor ressaltar certos aspectos de sua obra que podem se diferir das pesquisas já realizadas no campo da fenomenologia. Para as finalidades dessa produção acabou-se por se focar mais nos conflitos vividos que são capazes de serem compreendidos pela Fenomenologia Existencial de Heidegger, contudo não foram apresentadas complicações devido a liberdade criativa do autor sobre o presente trabalho, acabaram por auxiliar mais devido o potencial lúdico presente no filme.

O primeiro ponto o qual é de interesse se ressaltar olhar para fora do núcleo familiar, para o mundo ao que nos é apresentado que a menina vive. Nesse mundo o foco é a produtividade e eficiência da sociedade como um todo. Essa realidade acaba por influenciar no núcleo familiar da personagem, ocasionando que sua mãe e a menina, por consequência, seguissem padrões extremamente regrados, com foco em seus trabalhos e estudos; durante cenas que a mãe sai para trabalhar é possível observar que essa forma regrada de ser se aplica também para outras pessoas, de forma que o bairro onde as personagens moram todas as pessoas saem de forma simultânea e ordenada.

É possível observar a *impessoalidade* existente nessa sociedade, onde todos seguem esse modo de ser que os faz desfocados de seu próprio eu, distanciando-os da possibilidade de desvelamento de suas aberturas. Com isso, cada *Dasein* que ali vive não estaria vivenciando de sua condição *ôntica* de questionamento sobre aquilo que experiência, negando suas *aberturas* e se *estreitando* cada vez mais em seu modo de ser. Existe, junto a *impessoalidade*, a *impropriedade*, essa que impossibilita cada *Dasein* de entrar em contato com suas angústias.

Podemos dizer que esse mundo o qual a personagem vive explora a *condição ontológica de abertura* do Homem de *ter-que-ser alguma coisa* (sua busca incessante pelo sentido). Vamos essa busca pelo sentido do ser quando a menina decide ir atrás do Pequeno Príncipe para ajudar seu amigo, onde na realidade acabou por ser uma busca de sentido de si mesma devido a dualidade a qual ela se deparava no momento: viver na impessoalidade referente a realidade de seu amigo ou na impessoalidade referente ao

mundo em que se encontra. Esse tópico será melhor elaborado conforme o desenvolvimento desse pensamento no trabalho.

Como exposto, vimos que a principal e única relação que a menina possui no começo do filme é com sua mãe, a qual decide organizar parte a parte a vida da criança. É possível notar a *impropriedade* que esse mundo pode gerar nas pessoas, nesse caso na mãe. Tudo deve ser extremamente organizado e datado, sem falhas e tudo em prol da pessoa crescer e se tornar alguém que faz parte dessa sociedade produtiva de alguma forma. Esse modo de ser controlador e organizado acaba por ser uma forma que foi encontrada pela mãe para se adaptar às demandas pesadas da sociedade, mas que acabam por delegar o contato dela com seu interno; isso acaba por ser passado para a filha também quando ela segue a rotina imposta pela mãe.

Seguindo a história, nos é apresentado um senhor que levava sua vida de uma forma completamente diferente dos demais da sociedade. Ele não segue quaisquer padrões vistos anteriormente nessa sociedade, tendo uma casa desorganizada e descuidada. Esse senhor possui pouco contato com seus vizinhos, pois eles o evitam. Esse senhor acaba por viver de forma isolada em seu mundo, sem ter grandes movimentos para se encaixar com os demais, acaba por estar sendo junto aos *co-presentes*, sendo um *ser estar sozinho*. O velho acaba por ser isolado do mundo e daqueles ao seu redor, mesmo havendo algumas tentativas dele para interagir com os outros seres, ele não procura insistir quando é rejeitado.

O modo de ser do velho acaba por se tornar um atrativo aos olhos da menina, fazendo com que ela acabe por ter uma *impessoalidade* relacionada ao modo de ser desse senhor. Sendo assim, a menina optou por tentar deixar de lado o mundo em que vive, da sociedade em que ela se encontrava e entrou em contato com a *impessoalidade* do velho, tornando-a como sua realidade primária e negligenciando o mundo além da casa do senhor. A passagem em que a menina abandona suas obrigações por completo, se torna o momento em que ela decide se entregar a visão de mundo e ao modo de ser que o velho possui para ela mesma. Contudo, isso acaba por ocasionar em outros problemas que posteriormente serão discutidos.

Em dado momento da história do filme, nos é contado como o Pequeno Príncipe conhece a raposa que vem a se tornar sua amiga, mas que para reencontrar sua rosa ele precisa deixá-la. Esse momento do conto gera um diálogo entre a menina e o aviador mostra o *ser-para-a-morte* pela primeira vez, nesse caso referente ao velho que poderia “consertar o seu avião e encontrar o Pequeno Príncipe”. É claro esse vem a ser o primeiro momento em que a menina se depara com a possibilidade da não presença do velho, e,

possivelmente, de qualquer pessoa, mostrando a necessidade de estar com ele que a menina possui. Essa angústia para com o *ser-para-a-morte* acaba por não ser elaborada nesse momento já que o velho muda a conversa de foco.

Quando o descompromisso da garota para com as suas obrigações diárias impostas pela mãe (o “plano de vida”) é descoberto há uma grande discussão entre as personagens. Nesse momento percebemos uma quebra do visto até o momento, onde a menina vai de encontro com a angústia de ter de retornar a *impropriedade*. Vemos que a menina age de maneira *própria*, reconhecendo que o “plano de vida” criado e imposto pela mãe não era a vida que ela queria seguir, dizendo que aquela não era a vida dela, mas sim a visão alheia da mãe.

A *impessoalidade* da menina para com o modo de ser do aviador acabou por trazer à tona a condição básica do *Dasein* de contestar e pensar sobre aquilo que ele vive. A menina pode não ter elucidado qual seria o seu plano, porém ela sabia dizer muito bem que aquilo que foi planejado por sua mãe não era o que ela gostaria de seguir.

Após a discussão a menina é forçada a seguir o que era mandado por sua mãe, porém ela não tinha a mesma capacidade de se focar em suas tarefas como antes, pois ela ainda tinha como aceito o modo de ser do velho e não a *impessoalidade* e *impropriedade* que vivia antes de conhecê-lo. Quando a oportunidade surge ela reouve os itens que haviam sido jogados foram pela mãe (folhas com a história e o boneco de raposa).

Quando a menina vai de encontro ao velho, após um tempo (indeterminado) sem vê-lo, possui o intuito de fugir e encontrar o Pequeno Príncipe com o aviador. É possível dizer que a menina está sendo *imprópria* quanto a angústia de ter de ser quem a mãe quer que ela seja e dentre outras que são vividas em casa que vão de desencontro com a *impessoalidade* relativa ao mundo de seu amigo, buscando assim se isolar daquilo que é difícil de encarar e resolver. Neste momento a menina se depara pela primeira vez (mostrada no filme) com a noção do *ser-para-a-morte* de forma clara e sem ser poupada. Aqui na finitude de seu amigo, não de si mesma. Quando ela se depara com a possibilidade de morte, a ideia da perda de alguém que lhe fosse próximo gerou nela uma enorme angústia que a fez escolher ir para a *impropriedade* que vivia antes de conhecer o senhor, pois assim não precisaria se deparar com o *ser-para-a-morte* que ela foi forçada a encarar nesse momento. A menina se livrou de todos os objetos relativos ao seu tempo com o senhor e voltou a sua vida de antes.

[...] que este modo peculiar de existir, no qual se abrem, a todo instante, as possibilidades marcadas pela

facticidade do mundo, tendo como horizonte o próprio não-ser (a morte), se apresenta para o Homem como uma tarefa árdua, difícil e angustiante. [...] A morte, a culpa e angústia abrem a inospitalidade do mundo, algo que o Dasein não vai se cansar de fugir. SODELLI (2016, p.68)

O *Dasein*, por mais que esteja ligado com a finitude, isso pode lhe causar uma extrema angústia, ocasionando na submissão das significações sedimentadas de mundo. Nesse momento o Homem se desprende da compreensão e o olhar que ele tem para si mesmo e passa a modular o seu discurso e o modo de ser para a *impropriedade*. Com isso, toda a angústia a qual o *Dasein* deveria lidar diariamente é subjugada a uma visão em prol do que já é “determinado” a ele, dando-o um maior conforto nessa *impessoalidade* onde tudo e todos ao seu redor são determinados, organizados e com planos já traçados. Com essa visão do coletivo, do “a gente”, a pessoa não lida com a questão de sua própria finitude, mas sim com a finitude de todos, do mundo o qual ela vive.

O momento crucial em que a angústia para com a finitude é retomada é quando o senhor sofre de complicações e é levado para o hospital. A menina segue o carro até o hospital e quando vê o velho implora para que ele não se vá, pois ela ainda precisava dele. Vemos claramente que ela não havia se esquecido de como havia se sentido após conhecer o velho e sua história, de tal forma que quando seu amigo vai para o hospital a menina tem essa preocupação com ele e tenta ajudá-lo indo atrás do Pequeno Príncipe.

Quando a menina se depara, novamente, com a noção de morte de seu amigo ela não se deixa cair na impropriedade outra vez, ela busca uma forma de ajudar seu amigo indo atrás do Pequeno Príncipe. Essa procura por ajuda acaba por ser representado em um sonho ocasionado no momento em que a menina sai de casa a noite e acaba por cair e se encontrar no gramado de seu vizinho, encontrando seu avião e viajando pelo espaço.

É possível compreender todo o sonho como sendo um construto mental tendo base toda a vivência recente da criança para com sua mãe, sociedade e o velho. Podemos dizer que ele é o resultado de sua impessoalidade para com o modo de ser do velho e o confronto de vontades entre impropriedades e vidas que estão sendo impostas a ela e que ela não sabe como lidar com essas angústias. O “gatilho” para essa compreensão se dá através da angústia da garotinha para com o *ser-para-a-morte* de seu amigo e como a fez refletir a respeito de sua vida sem ele, possibilitando-a entrar em contato com esses conflitos, mas que antes não conseguia lidar. O sonho acabou por ser um meio ao qual a menina teve uma abertura para entrar em contato com todos os fenômenos que ela

vivenciou durante toda a sua vida anterior e posterior ao conhecimento e relacionamento da existência dela para com o senhor. Esses fenômenos geradores de angústia, ao serem apresentados no sonho puderam ser organizados de tal forma que a menina pode entrar em contato com eles de forma “menos agressiva”, facilitando a sua resolução.

O sonho é um emaranhado de informações que, se observadas, torna possível encontrar elementos pertencentes de suas vivências referentes à *impropriedade* e a *impessoalidade* do Aviator ao qual a menina entrou em contato.

O mundo que se apresenta para a garota no sonho é a história do Pequeno Príncipe, mas de forma distorcida, como se esse mundo tivesse sido tomado pelas ideias de eficiência e corporativismo o qual sua realidade é regida. Nesse momento houve a mescla dos modos de ser que a menina esteve em contato, criando uma imagem da angústia e do conflito interno o qual ela vivenciava por não conseguir determinar quem seria o **seu** *ser-no-mundo*.

No sonho, podemos dizer que o personagem Príncipe seria, na realidade, a própria garotinha, que vivia em um mundo onde se fosse indagado sobre quem era, sua resposta seria a forma como ele foi identificado pelos demais nesse mundo, e não como ele compreendia a si mesmo, pois ele não tinha uma percepção de “eu” naquele mundo, já que sua antiga compreensão foi forçada a ser esquecida pela falta de compatibilidade com o modo de ser exigido por essa sociedade, gerando em si uma nova identidade que não estava ligada com sua antiga compreensão de si.

Príncipe tenta “ajudar” a menina levando-a na escola, nesse momento seria a figura representativa da impessoalidade a qual ela vivia antes de conhecer o velho, tentando forçá-la a voltar a esse modo de ser. Contudo, quando o personagem se depara com os desenhos do Aviator e com a raposa de pelúcia, Príncipe se lembra parcialmente de quem ele era antes de ser quem era nesse mundo *impessoal* e *impróprio*. Nesse momento há um “flash” do reconhecimento da *propriedade*, do eu do personagem e, por consequência, da menina.

Durante a viagem da menina pelo espaço, a ela não havia encontrado nenhuma estrela, apenas um único planeta onde todos os personagens da história estavam lá presentes, mas submetidos a *impessoalidade* daquele mundo. As estrelas foram encontradas pelos personagens posteriormente, enclausuradas em um recipiente que o Homem de Negócios guardava para utilizá-las como uma espécie de “estimulante” para as pessoas, fazendo com que elas trabalhassem com mais rapidez e produzissem mais. As estrelas seriam a compreensão de *abertura ontológica* do *Dasein*, o poder ser.

Naquele momento ela se encontrava *estreitada* em sua compreensão de mundo e de ser, mas que haviam milhares de possibilidades que ela possui.

O momento que as estrelas são liberadas de volta ao espaço, podemos dizer que seria o momento em que a menina passa por uma integração e ressignificação de si, voltando a ter sua *condição ontológica* como *Dasein*, sendo novamente a abertura. Cada estrela teria o significado como uma abertura da menina. Ela poderia ser, novamente, tudo, pois ela não se encontrava mais estreitada em um ou outro modo de ser.

Também, vemos diversos personagens que mesmo presos nesse modo de ser moldado pelo mundo, elucidam características únicas e próprias, bem como o Homem Orgulhoso, que quando aplaudido não resistia ao fenômeno de ser apreciado pelos demais e assim os agradecia. Também o Rei, que se tratava com cortesia e paciência, atendia aos pedidos daqueles que “dependiam” dele. Sendo assim eles seriam o *Dasein* com sua *impessoalidade*, *impropriedade* e *propriedade* capazes de existir no mundo junto aos outros e ainda sim mantendo quem são.

Com o final deste sonho, podemos ver a resolução da menina para com o *ser-para-a-morte* do aviador. Ela e o Pequeno Príncipe encontram a rosa, porém morta. A menina fica triste, pois acredita que seu amigo se tornará a mesma coisa: Alguém morto sem significado para ela, a fazendo perder a compreensão do seu eu (esquecendo ele e crescendo).

No momento em que o Príncipe volta a ser criança e diz que mesmo sem a rosa lá presente, para ele a rosa não era apenas mais uma, que lhe era única e que sempre estaria com ela, há a compreensão da menina, de que mesmo ela perdendo fisicamente seu amigo (Aviador), ela estaria com ele, pois ele não era mais alguém alheio a ela, que ele fazia parte de seu ser. Ela seria capaz de ser e estar com ele mesmo não estando. Nessa passagem, a angústia da menina ainda é existente, contudo, houve o *desafastamento* dela para com o velho; ou seja, mesmo ela não o “possuindo” fisicamente, ela não mais teria a necessidade dele por perto, pois ela o teria para si de forma simbólica e internalizada.

Por fim, observando as características da garota ao acordar de seu sonho no dia seguinte, vemos que seu modo de ser se alterou se comparado aos momentos anteriores. Após o sonho, a menina se apropriou de todos os conteúdos vivenciados em seus últimos meses e passou a agir de uma maneira própria em conjunto com a *impessoalidades* e *impropriedade* da sociedade.

A garota encontrou um meio de poder viver e de se aproximar do mundo em que vive e atendendo as necessidades deles, e, bem como os personagens no sonho da

garota, que ela poderia ser quem ela é de forma própria fazendo, agindo e pensando por conta própria e indo de encontro com o seus desejos que coincidem com o seu modo de ser. É possível observar tal momento quando a menina diz para sua mãe que antes delas irem para a escola, deveriam passar no hospital, pois ela desejava visitar seu amigo e dar ao senhor um presente (livro com as histórias). Também passou a agir de maneiras que para ela eram muito estimulantes, bem como observar as estrelas, mas dessa vez com sua mãe e em sua própria casa.

Considerações Finais:

O filme elucidou diferentes modos de ser, bem como o *ser-no-mundo*, *ser-para-a-morte* e outras características existenciais e *ontológicas* do *Dasein* e como cada uma delas podem se dar perante adventos vivenciados por cada ser.

Aqui vemos a vida de uma garota que vive em um mundo envolto pela *impessoalidade* e *impropriedade* que impossibilita o *Dasein* entre em contato com suas angústias de forma individual e consigam lidar com elas. Mas essa *impessoalidade* e *impropriedade*, mesmo não sendo algo necessariamente ruim, se tornou um *estreitamento* na vida dessa menina, onde ela não enxergava diferentes modos de ser e seu modo de ser no mundo de forma própria.

Com a ajuda de outra pessoa e com a abertura da menina para esta pessoa, ela pode entrar em contato com diferentes conteúdos que a fizeram contestar o seu modo de ser vivido, criando novas *aberturas* e *estreitamentos*, possibilitando novas compreensões da menina para com o seu *ser-aí*, seu *ser-no-mundo* e o *ser-para-a-morte*.

Através de *O Pequeno Príncipe*, de Mark Osborne, é possível ver a forma como a *impessoalidade* e *impropriedade* podem se tornar para o indivíduo um modo de ser que o distancia de seu “eu” em diversos âmbitos e questões que isso pode trazer para a pessoa. Aqui vemos, para essa personagem, como foi angustiante a tomada de consciência da finitude de alguém próximo à ela, além de perceber o rumo que sua vida estava tomando e como ela seguia cegamente os desejos alheios e ignorava os próprios. Tais formas de agir fazem com que cada pessoa, ao ter a consciência desses fenômenos possa de sua maneira única refletir a respeito de suas vivências até o presente momento e chegar a diferentes compreensões referentes a si.

É presenciada a insatisfação da menina para com o seu “eu”, mas ela própria não tinha o conhecimento desse fato até entrar em contato com diferentes modos de ser, fazendo-a questionar seu modo de ser e, assim, buscar uma *propriedade* vivendo em meio a *impessoalidade*.

Em vista das reflexões feitas, pode-se observar que os fenômenos vivenciados pelas personagens são apenas uma parcela daquilo que o filme tem a nos mostrar. Posteriores trabalhos poderiam, por exemplo observar e refletir a respeito do modo de ser e da *impessoalidade* do senhor, amigo da menina e a forma como ele se encontra tão dissociado da sociedade. O filme nos apresenta diversas aberturas de observação e reflexão que podem ser posteriormente ser exploradas em futuros trabalhos.

Referências:

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. Os modos de existência do dasein: inautenticidade e autenticidade em Ser e Tempo. **Rev. de Filo. do Mestrado Acad. de Filo. da UECE**. Fortaleza, v. 2, n.3, p. 37-62, Inverno 2005. Disponível em <<http://www.uece.br/kalagatos/dmddocuments/Os-modos-de-existencia-do-Dasein.pdf>> . Acessado em 28 Out. 2016.

BARBOSA, Márcio F.. A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 18, n. 3, p. 2-13, 1998 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300002&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 Nov. 2016.

BARRAL, M. C.. **Entre a Arte e o Ser: Dialogando com Jackson Pollock e a Fenomenologia**. 2013. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014

BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares; SÁ, Roberto Novaes de. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 28, n. 3, p. 389-394, Sept. 2011 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000300011&lng=en&nrm=iso>. acessado em 19 Set. 2016.

BORBA, Raphael Galuppo. Uma análise fenomenológica do filme “Melancolia”, de Lars Von Trier. **Ver. Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea (PFC)**, v. 5, n. 1, p.41-52, 2016 Disponível em < <http://www.revistapfc.com.br/magazine/uma-analise-fenomenologica-do-filme-melancolia-de-lars-von-trier/>>. Acessado em 25 Maio 2018.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica psicológica infantil em uma perspectiva existencial. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 17, n. 2, p. 185-192, dez. 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 19 Set. 2016.

FIUZA, Getúlio Vasconcelos; JORGE, Maria Salete Bessa; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira. *A fenomenologia existencial como possibilidade de compreensão das vivências da gravidez em adolescentes*. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto , v. 14, n. 6, p. 907-914, Dec. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000600012&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 07 Out. 2016.

GNEIMER, Conceição Neves. *A Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem, na leitura de Martin Heidegger*. Santos: Editora Universitária Leopoldianum; São Paulo: Loyola, 1998.

GAIANO, Bruna Sena; FLAUZINO, Candido Jeronimo; SILVA, Danieli Rieli Miranda da; TEIXEIRA, Thais da Silva. *O luto antecipatório dos pais de uma criança com doença crônica: uma análise fenomenológica do filme Em busca da luz*. **Psic. Info.** [online]. 2012, vol. 16, n.16, p. 71-101, Jan/Dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-88092012000200004&script=sci_abstract>. Acessado em 07 Nov. 2016

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes; Bragança Paulista, São Paulo: Universidade São Francisco, 2016

IKUHARA, B. G.; MORGADO, P. P. *Modo de ser próprio e Modo de ser impróprio: um estudo fenomenológico do filme O Pequeno Príncipe*. 2016, 24f. Trabalho de cumprimento de eletiva (não publicado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2016

Kahlmeyer-Mertens, R. S. *10 Lições sobre Heidegger*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015

PRÍNCIPE, O Pequeno (Le Petit Prince). Direção: Mark Osborne. Produção: Dimitri Rassam, Aton Soumache, Alexis Vonarb. Argumento: Irena Brignull, Bob Persichetti.

História: Mark Osborne, Bob Persichetti. Baseado em: Le Petit Prince de Antoine de Saint-Exupéry. Elenco: André Dussollier, Florence Foresti, Marion Cotillard, Vincent Cassel, Guillaume Gallienne, Laurent Lafitte, Vincent Lindon, Andrea Santamaria, Clara Poincaré. França, 2015, 1 DVD (110 min).

SODELLI-TEODORO, Alessandra; SODELLI, Marcelo. *Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica*. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 20, n.2, p. 245-272, 2011. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/download/10343/7722>>. Acessado em 15 Out. 2016.

SODELLI, Marcelo. *Uso de Drogas e Prevenção: Da Desconstrução Da Postura Proibicionista Às Ações Redutoras de Vulnerabilidade* 2ª ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016, p. 62-70